

AS VOZES DA LENDA DA SALAMANCA DO JARAU

THE VOICES OF *SALAMANCA DO JARAU*
LEGEND

João Luis Pereira Ourique

Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil e na Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas – Brasil.

E-mail: jlourique@yahoo.com.br.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4113-5553>

Eugênia Adamy Basso

Doutora em Letras na Universidade Federal de Pelotas – Brasil.

E-mail: eugenia.adamybasso@gmail.com.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4153-1089>

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento e um estudo de diferentes versões da lenda da Salamanca do Jarau, tendo como foco principal a lenda publicada pelo escritor gaúcho João Simões Lopes Neto. O estudo foi baseado em levantamento bibliográfico acerca de noções teóricas de narração e personagem, juntamente com material de contextualização histórica acerca das épocas da Reconquista, Missões Jesuíticas e Revolução Farroupilha. Foram selecionadas seis fontes que apresentavam versões da lenda em questão, que foram comparadas em determinados aspectos com a lenda de Simões. Após a análise, foi constatado que, por ser uma lenda muito antiga e presente em várias regiões, acabou sendo estereotipada. Todas as versões diferem em elementos muito importantes, mas apresentam o mesmo fio condutor.

Palavras-chave: Salamanca do Jarau; lenda; versões; João Simões Lopes Neto.

ABSTRACT: The present paper aimed to make a selection and a study of different versions of the legend of Salamanca do Jarau. The main focus was the legend published by the writer João Simões Lopes Neto. The study was based in a bibliographical selection about theoretical notions of narrative and character, together with a historical contextualization material about the periods of Reconquista, Missões Jesuíticas, and Revolução Farroupilha. Six versions of the legend were selected and compared in determined aspects to Simões Lopes Neto's version. After the analysis, it was concluded that the legend present many stereotyped versions, taking into account that it is old and spread in many regions. Although it happens, the versions present the same line of conduction.

Keywords: Salamanca do Jarau; legend; versions; João Simões Lopes Neto.

ALMA FORTE E CORAÇÃO SERENO!...

*"Mas nas Salamancas de tua alma interior
guardavas os Pagos em gênio e paisagens
humanas"*

Aureliano de Figueiredo Pinto

Em 1913, João Simões Lopes Neto publica, pela primeira vez, a obra *Lendas do Sul*, publicada pela editora pelotense Echenique & C. Editores. Nela, estão presentes "A Mboitatá", "O Negrinho do Pastoreio" e, a lenda foco deste trabalho, "A Salamanca do Jarau", a qual mostra o encontro de Blau Nunes com um sacristão, no cerro do Jarau, que lhe conta a lenda da princesa moura Teiniaguá, da qual é o protagonista. No entanto, Simões Lopes Neto não foi o único a tratar da lenda da princesa moura: antes mesmo de sua publicação, já havia versões que envolviam a presença da princesa e, até mesmo, da Salamanca. Além do mais, após a lenda do escritor pelotense ter se tornado tão renomada, muitas versões acerca da história da Teiniaguá e da Salamanca do Jarau continuaram sendo repassadas ao povo. Deste modo, o objetivo deste trabalho foi fazer um levantamento e uma breve análise das lendas publicadas anterior e posteriormente à lenda de Simões Lopes Neto, realizando uma comparação entre elas.

No ano de 1896, foi publicada a obra *Reseña histórico-descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del río de la Plata*, em Montevideo, feita por Daniel Granada. O capítulo VIII, de seu livro, intitulado "Salamancas", esclarece os tipos de magia, comenta as escolas de magia existente em cidades da Espanha como Salamanca, Toledo e Córdoba, até chegar às cavernas mágicas, explicando a influência árabe no contexto da magia das salamancas:

Los ritos de la magia goética celebrábanse ordinariamente de noche, cuyas sombras favorecían su ejercicio, y en caverna ó lugares subterráneos, donde se anida el espanto. De ahí, empero, no debe inferirse que lo primitivo origen de las cuevas encantadas sean las prácticas de la magia goética introducida en España por la conquista Arábica. (GRANADA, 1896, p. 86).

Durante o capítulo, Granada discorre sobre as criaturas mágicas que se encontram nas salamanca, independentemente do lugar e do país em que se localizavam, e coloca que todas as cavernas são semelhantes, pois “todas responden á una misma falsa idea del humano espíritu insipiente” (1869, p. 89).

Granada também cita o Cel. Bento Manoel Ribeiro que, durante a guerra dos farrapos, consultou a Salamanca do Cerro do Jarau. “La Salamanca del cerro de Yrao es una de las más celebradas. Todos los propietarios de los campos donde se hallan los cerros de Yrao, han hecho una fortuna: favor que deben á las consultas que hacen al oráculo de la salamanca.” (1869, p. 94).

Na lenda de João Simões Lopes Neto, Blau Nunes está campeando em busca do boi barroso. Pensava em sua infelicidade, na sua pobreza e falta de sorte, quando encontra, de repente, a figura do Sacristão:

De repente, na volta duma reboleira, bem na beirada dum boqueirão, sofrenou o tostado...: ali em frente, quieto e manso, estava um vulto, de face tristonha e mui branca. [...] Já ouvira falar dele, sim, não uma nem duas, mas muitas vezes... [...] Aquele vulto era o santão da Salamanca do cerro. (LOPES NETO, 1913, P. 19).

Na acepção de Candido (2006a), desde o início de nossa produção romanesca, o regionalismo, também chamado nesse período de *Sertanismo*, se estabeleceu enquanto uma das principais vias de afirmação da consciência local. Entretanto, quando falamos de regionalismo literário não podemos admiti-lo sob um viés de homogeneidade e continuidade. Ao citar José Carlos Garbuglio, Ligia Chiappini (1995) comenta que o regionalismo tem *fôlego de gato*, classificando-o como um fenômeno universal enquanto tendência literária, presente em outras literaturas, que pode ter maior ou menor expressividade em diferentes momentos da história.

De repente, na volta duma reboleira, bem na beirada dum boqueirão, sofrenou o tostado...: ali em frente, quieto e manso, estava um vulto, de face tristonha e mui branca. [...] Já ouvira falar dele, sim, não uma nem duas, mas muitas vezes... [...] Aquele vulto era o santão da Salamanca do cerro. (LOPES NETO, 1913, P. 19).

Neste encontro, o Sacristão narra a Blau a lenda da Salamanca do Jarau, na qual ele é protagonista, contando-lhe sua história de amor com a princesa Moura. Por Blau ter-lhe saudado como cristão, o sacristão o convida para entrar na furna de “alma forte e coração sereno”, para que passasse pelas sete provas da Salamanca, tornando-se assim, um homem muito rico:

Lá dentro sopra um vento quente que apaga qualquer torcida de candeia... e tramado nele corre outro vento frio, frio... que corta como serrilha de gead. Não há ninguém lá dentro... mas quem que se escuta voz de gente, vozes que falam... falam, mas não se entende o que dizem, [...] são os escravos da princesa moura, os espíritos da teiniaguá [...] Alma forte e coração sereno! Si entrases assim, si te portares lá dentro, assim, podes então querer e serás servido! (LOPES NETO, 1913, p. 38).

Granada também comentou, em sua *Reseña*, sobre o interior das salamanca, as quais exigem muita coragem e determinação para que o indivíduo enfrente suas magias:

El acceso al interior de las salamanca, á la manera de los templos ó escuelas mágicas del Egipto y del Asia, está, por lo general, vedado. Para merecer y poder entrar en ellas, es necesario revertirse de mucho coraje y de mucha indiferencia á todo cuanto rodee y sea capaz de hacer impresión leve ó vehemente en los sentidos y en el ánimo del aspirante, que debe tener al intento la impasibilidad de um estoico (GRANADA, 1896, p. 97-98).

Granada conta a história de um homem que, seguindo os conselhos de um amigo, vai até uma salamanca em busca da felicidade, mas que, ao entrar, acaba tendo que enfrentar diversas provas mágicas, assim como Blau, na salamanca do Cerro do Jarau. Na versão contada por Granada, o peregrino enfrenta todas as provas, mas, ao topar com o ancião na furna encantada, deve escolher entre dois tipos de luzes: branca ou preta. O peregrino escolhe a cor preta, e recebe uma bolsa correspondente a sua escolha. Depois que sai da caverna, sua vida é repleta de amarguras e contrariedades, causadas pela má sorte, pela sua própria imprudência e seu próprio vício.

Na obra de João Simões Lopes Neto, Blau, ao realizar as sete provas, recebe uma guaiaca em que havia onças infinitas, porém, que só podiam ser tiradas uma a uma. Vira um homem rico, portanto, todos ao seu redor percebem que sua guaiaca era “amaldiçoada”, pois quem recebia o dinheiro logo o perdia ao fazer maus negócios. Assim, Blau percebe que está rico, mas que a infelicidade ainda lhe persegue, pois fica sozinho, sem amigos. Sendo assim, volta à Salamanca do Jarau e devolve seu prêmio ao

Sacristão, que é o momento em que o feitiço é quebrado e a princesa e o cristão são libertos da furna.

Outra obra que também traz a relação de uma princesa moura e um cristão é a lenda “La cuerva de la mora”, de Gustavo Bécquer, escrita em 1863. A história se passa na cidade espanhola Fitero, localizada na província de Navarra, onde há um rio denominado Alhama. Perto deste, há os destroços de um castelo árabe, parte do resultado da Reconquista – período em que os cristãos tentavam recuperar o território invadido pelos árabes.

A lenda é narrada em primeira pessoa, por um homem que, durante suas andanças por esta região, avista uma furna subterrânea. Ao perguntar para um trabalhador sobre este lugar que tanto lhe despertou curiosidade, lhe é informado:

-¡Penetrar en la cueva de la mora! -me dijo como asombrado al oír mi pregunta-. ¿Quién había de atreverse? ¿No sabe usted que de esa sima sale todas las noches un ánima? -¡Un ánima! - exclamé yo sonriéndome-. ¿El ánima de quién? - El ánima de la hija de un alcaide moro que anda todavía penando por estos lugares, y se la ve todas las noches salir vestida de blanco de esa cueva, y llena en el río una jarrica de agua. (BÉCQUER, 2015).

Curioso, o homem pede para que lhe seja contada a história que envolvia aquela furna misteriosa, onde uma mulher moura sempre aparecia a divagar, vestida de branco, com um jarro de água. Então, ele reconta para o leitor o que lhe foi passado. A história se passa entre a filha de um alcaide mouro e um líder guerreiro cristão, capturado e feito de prisioneiro pelo exército árabe. Durante sua estadia com os

mouros, ele conhece a bela moura e se apaixonou perdidamente:

Durante su cautiverio logró ver a la hija del alcaide moro, de cuya hermosura tenía noticias por la fama antes de conocerla; pero cuando la hubo conocido la encontró tan superior a la idea que de ella se había formado, que no pudo resistir a la seducción de sus encantos, y se enamoró perdidamente de un objeto para él imposible. (BÉCQUER, 2015).

Na versão de João Simões Lopes Neto, a princesa moura já aparece ao Sacristão no corpo da Teiniaguá:

Eu vi, vi o milagre de ferver toda uma lagoa..., ferver, sem fogo que se visse! [...] E veio crescendo para a barranca, e saiu e tomou terra, e sem medo e sem ameaça veio andando para mim a sempre escapada maravilha..., maravilha que os que nunca viram juravam sempre ser – verdade – e que eu, que estava vendo, ainda jurava ser – mentira! – Era a teiniaguá, de cabeça de pedra luzente [...]. (LOPES NETO, 1913, p. 25-26).

O sacristão aprisiona a Teiniaguá, porém lhe dá água e mel fino. A princesa, então, aparece para ele, pois foi o único que lhe aprisionou sem intenções gananciosas. Assim como na lenda de Bécquer, o homem se apaixonou perdidamente pela sedutora e intocada princesa, mas é descoberto pelos santos padres:

Uma noite ela quis misturar o mel do seu sustento com o vinho do santo sacrifício; e eu fui, busquei no altar o copo de ouro consagrado, todo laborado de palmas e resplendores; e trouxe-o, transbordante, transbordando... De boca para boca, por lábios incendiados o

passamos... E embebedados, caímos abraçados. Sol nado, despertei; estava cercado pelos santos padres. [...] Nem tanto era preciso para ser logo jungido em manilhas de ferro (LOPES NETO, 1913, p. 30).

Na lenda de Gustavo Bécquer, o amor do líder cristão e da filha do alcaide mouro também é descoberto por um vigia da torre do castelo árabe. Ele foge com sua amada e ambos se refugiam em uma furna subterrânea, pois o cristão tinha muita sede e a bela moura sabia que perto de lá corria um rio (Alhama). Ambos ficam lá refugiados, mas são atingidos por uma flecha de um soldado árabe. Então, prestes a morrer, o cristão pede para que sua amada se converta para sua religião, sendo seu pedido aceito.

Al otro día, el soldado que disparó la saeta vio un rastro de sangre a la orilla del río, y siguiéndolo, entró en la cueva, donde encontró los cadáveres del caballero y su amada, que aún vienen por las noches a vagar por estos contornos. (BÉCQUER, 2015).

Nesta história, os espíritos do cristão e da filha do alcaide mouro ficaram a divagar pela furna subterrânea, a qual, no início da narrativa, foi mencionada pelo trabalhador que apresentou a história ao narrador. Percebe-se a semelhança com a lenda de João Simões Lopes Neto, na qual também há a princesa moura Teiniaguá e o Sacristão vivendo juntos, num feitiço, dentro da Salamanca do Jarau.

A lenda de Simões também traz a personagem ícone do escritor, Blau Nunes. O gaúcho famoso dos *Contos gauchescos*, vaqueano, tropeiro, contador de histórias e vivências, e que convida o interlocutor para conhecer suas

experiências vivencia as sete provas da Salamanca do Jarau.

No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo de ser (CANDIDO, 1968, p. 59).

Na lenda, Blau Nunes é jovem, “guasca de bom porte”, e durante sua busca pelo boi barroso, que simboliza a felicidade e a sorte, encontra o sacristão, que lhe conta sua história e o convida para entrar na Salamanca e enfrentar os desafios. Nos *Contos Gauchescos*, embora a obra tenha sido publicada previamente a *Lendas do Sul*, Blau, de oitenta e oito anos, “todos os dentes”, narra as histórias e suas memórias depois que está mais velho, e todas as experiências vividas em sua juventude lhe dão um ar de maturidade e sabedoria. Blau é personagem marcante da obra de Simões Lopes Neto, e é possível ver sua grandiosidade na maneira que ela é apresentada ou se ela própria se apresenta, durante os Contos.

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação (CANDIDO, 1968, p. 59).

Candido (1968) traz a terminologia de “personagem de natureza”, criada por Johnson no século XVIII, a qual afirma que as personagens são apresentadas pelo seu modo íntimo de ser, impedindo que tenham a regularidade dos outros, não sendo imediatamente identificáveis. São características que podem ser atribuídas a Blau Nunes, por ir contando um pouco de si a cada conto, apresentando um pouco de seu íntimo e seu interior; juntamente com suas atuações inesperadas na lenda A Salamanca do Jarau. O tropeiro é aquela personagem construída a partir de um modelo real de gaúcho, conhecido por Simões, servindo de ponto de partida.

Segundo Chiappini (2002), desde sempre houve um narrador mediando os fatos narrados e o público. Porém, com o passar do tempo, as histórias contadas pelos homens foram-se complicando, e o narrador foi progressivamente se ocultando, ou atrás de outros narradores ou atrás dos fatos narrados, que aos poucos se narram a si próprios; ou atrás de uma voz que nos fala, velando e desvelando narrador e personagem. Nas palavras da autora: “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso narração e ficção praticamente nascem juntas” (p. 6).

As narrações na lenda “A Salamanca do Jarau” são um aspecto a ser notado e trabalhado. Blau Nunes não é apresentado, na lenda A Salamanca do Jarau, como narrador-personagem (como é apresentado nos *Contos Gauchescos*). Aqui, Blau é introduzido ao leitor como personagem atuante através de um narrador em terceira pessoa. Há, na lenda, um narrador que, na visão de Jean Pouillon, apresenta uma visão por trás, na qual

(...) o narrador domina todo um saber sobre a vida da personagem (...) Sabe de onde parte e para onde se dirige, na narração, o que pensam, fazem e dizem as personagens; uma espécie de Deus, ou demiurgo que lhes tolhe a liberdade. (CHIAPPINI, 2002, p. 19-20).

Sendo assim, na lenda A Salamanca do Jarau, Blau é narrado, diferentemente de sua condição como narrador-personagem na obra *Contos Gauchescos*. A condução narrativa por um narrador em primeira pessoa depende de sua condição de personagem envolvida com os acontecimentos a serem apresentados e narrados na história, e tudo que é apresentado na história depende exclusivamente da percepção da personagem (BRAIT, 2000).

O narrador entre a obra *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul* se aparentam em vários aspectos. Ambos pertencem ao domínio da ficção séria, de fundo épico-trágico, apoiando-se e desenvolvendo-se de maneira simples da narrativa oral, tais como o caso, a lenda e o mito. O narrador (também popular) acaba sendo um ponto de contato entre os dois livros: em ambos encontra-se a voz de Blau Nunes, o velho peão da estância. Nos *Contos gauchescos* essa presença é mais direta, pois a palavra lhe é passada através de um narrador culto em terceira pessoa, para que Blau conte suas vivências. Nas *Lendas do Sul* a presença de Blau é mediatizada por um narrador em terceira pessoa, mas que, na maior parte das vezes, se identifica com a voz popular, numa espécie de discurso indireto livre: voz do próprio blau ou, quando recua a um tempo anterior ao dele, de um antepassado igualmente popular, como sua velha avó tapejara (CHIAPPINI, 1988).

A própria narrativa de Simões apresenta ao leitor duas versões da lenda da Teiniaguá. No

início da obra, quando Blau encontra o Sacristão, conta-lhe o que ouvia de sua avó, uma versão estereotipada sobre a história da Teiniaguá, na época da Reconquista. A outra versão é trazida pelo próprio Sacristão, que se passa na época das reduções jesuíticas, que se dispersavam entre o sul do Brasil, Paraguai, Argentina e província de Corrientes (onde se localizava a redução de Santo Tomé, na qual ficava a Igreja São Tomé em que o Sacristão trabalhava).

Convém recordar que o primeiro povoamento – branco – do Rio Grande do Sul foi espanhol; seu poder e influência estenderam-se até depois da conquista das Missões; provém disso que as velhas lendas rio-grandenses acham-se tramadas no acervo platino de antanho. Vem da Ibéria, a topar-se com a ingênua e confusa tradição guaranítica, a mescla cristã-árabe de abusões e misticismo, dos encantamentos e dos milagres; desses elementos, confundidos e abrumados (p. ex. a salamanca do cerro do Jarau), nasceram idealizações novas e típicas, adaptadas ou decorrentes do meio físico e das gentes ainda na crassa infância das concepções. (CHIAPPINI, 1998, p. 131).

A versão que Blau conta ao Sacristão, quando está em busca do Boi Barroso, lhe foi contada por sua avó, o que traz a ideia de que a lenda passou por diversas gerações, sendo, então, modificada com o tempo. Tal versão possui uma impressão sólida acerca dos fatos, com alguns exageros apresentados, especialmente com relação ao comportamento dos mouros:

Num mês de quaresma os mouros escarneceram muito do jejum dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos foram obrigados a ajoelharem-se ao pé da Cruz Bendita... e a baterem nos peitos, pedindo perdão... Então, depois, alguns, fingidos de cristãos, passaram o mar e vieram dar nestas

terras sossegadas, procurando riquezas, ouro, prata, pedras finas, gomas cheirosas... riquezas para levantar de novo o seu poder e alçar de novo a Meia-Lua sobre a Estrela de Belém... (LOPES NETO, 1913, p. 21).

A maneira em que a princesa moura é representada também é diferente nas duas versões. Na narrativa de Blau, a Teiniaguá é descrita como uma fada, uma feiticeira encantada e que tem poderes. Vinda junto com os mouros, a “fada velha” guardava um condão mágico. A princesa era poderosa, ajudando na travessia dos mouros dentro dos navios, passando despercebida pelos padres religiosos. Raptada por Anhangá-Pitã, foi por ele introduzida aos segredos dos tesouros mágicos das furnas: “só não tomou tenência que a teiniaguá era mulher...” (1913, p. 23), deixando a entender seus poderes de sedução. A descrição apresentada por Blau Nunes sobre a princesa é objetiva e sintética, por ser uma história estereotipada vinda de gerações atrás. Tal semblante da teiniaguá é diferente do que o próprio Sacristão apresenta em sua narrativa, pois este realmente era personagem atuante da história em questão, que se relacionou pessoalmente com a princesa, conhecendo-a melhor e reconhecendo-a como um ser humano capaz de amar e ser amado.

A relação entre a princesa moura e o sacristão cristão aconteceu em um período em que as duas nações estavam em conflito: a tomada da península Ibérica pelos árabes e a tentativa de retomada pelos europeus.

O evento em exame constitui a rememoração de experiências originadas no medievo. Diz respeito ao modo de relacionamento entre as populações cristãs e as populações islâmicas instaladas na Península Ibérica. Sua dimensão religiosa apresenta-se já no espaço em que

transcorre (perto de igrejas católicas, em dias santos), ou nas etapas em que se realiza: proposta de batismo, recusa dos mouros, luta e vitória cristã, submissão e conversão dos derrotados (MACEDO, 2000, p. 4).

A história contada pelo Sacristão traz a versão “real” dos fatos, pois ele era personagem dos conflitos que um tempo depois viraram a lenda. Por isso, temos uma versão mais detalhada e reflexiva, na qual estão apresentados os sentimentos da personagem, uma história mais humana, que mostra seu amor pela princesa moura e os obstáculos que enfrentaram frente o ódio e o fanatismo dos homens que o condenaram a morte. Sua narrativa envolve o amor, a paixão, o encantamento e o sacrifício de ambas as partes. Desde o primeiro encontro entre os amantes, já houve uma sincera afinidade, pois o sacristão foi o único que não a procurou de maneira gananciosa.

Durante seu relacionamento, há a sensualidade e a essência feminina da moura explicitada através dos relatos do sacristão:

(...) porque olhos de amor, tão soberanos e cativos, em mil vidas de homem outros se não viram! (...) Cada noite era meu ninho o regaço da moura; mas, quando batia a alva, ela desaparecia ante a minha face cavada de olheiras... (LOPES NETO, 1913, p. 30).

Em meio a esses momentos fervorosos, o casal é descoberto e a teiniaguá é rotulada pelos cristãos como “bicho imundo, que era bicho e mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira” (1913, p. 31). Porém, quebrando esses preconceitos, a princesa salva seu amado, e por ele é lembrada:

(...) mas também ouvindo com os ouvidos do pensamento o chamado carinhoso da teiniaguá; (...) mas os olhos do meu pensamento viam a tentação do riso mimoso da teiniaguá; (...) mas o faro do pensamento sorvia a essência das flores do mel fino de que a teiniaguá tanto gostava; (...) a língua de minha boca saboreava os beijos da teiniaguá, doces e macios (...). (1913, p. 35).

Os relatos do sacristão reconhecem os poderes de sedução e encantamento da teiniaguá: “ia eu começando o meu fadário, todo dado à teiniaguá, que me enfeitiçou de amor, pelo seu amor de princesa moura, pelo seu amor de mulher, que vale mais que o destino de homem!...” (p. 35). Porém, ele a reconhece como ser humano, narrando sua história de amor, seus desafios, os sacrifícios que ambos fizeram para continuarem juntos um ao outro. Tal narrativa é tão impactante que Blau amadurece suas ideias acerca da história da Salamanca do Cerro do Jarau, estando disposto a vivenciar as sete provas e libertando o casal de namorados.

Outra história que traz a princesa moura envolve o oficial Bento Manoel Ribeiro que, para Fagundes (1998, p. 5) era “homem de personalidade difícil e caprichosa e sem convicção liberal, seguidor de seus próprios interesses”. Para isso, é necessário adentrar um pouco no contexto da Revolução Farrroupilha, que foi um movimento político-militar que iniciou em setembro de 1835, contra o imperialismo brasileiro. A Revolução Farrroupilha, também chamada de Guerra dos Farrapos, surgiu no Rio Grande do Sul e tornou-se a mais longa revolta brasileira. A revolta durou 10 anos e foi liderada pela classe dominante gaúcha, fazendeiros de gado, havendo também soldados mais pobres, que

serviam como massa de apoio no processo de luta.

Muitas eram as causas da revolução. Segundo Fagundes (1998), o Rio Grande do Sul tinha 14 municípios e uma população de aproximadamente 150 mil habitantes, porém, não havia nenhuma escola pública e nenhuma ponte ou estrada em boas condições. Os impostos sobre o gado em pé e sobre o charque (principais produtos da Província) eram abusivos. O centro do Brasil procurava comprar o charque platino, ao invés do rio-grandense. Sendo assim, exaltados pela independência e revoltados contra o império brasileiro, uma parcela da população se rebelou. Houve então uma divisão entre Liberais (farrapos) e Conservadores. Os rio-grandenses (líderes liberais) achavam boa a ideia de uma organização do Uruguai como um Estado independente e soberano entre Argentina e Brasil.

Neste contexto, há alguns nomes que se destacam, entre eles Bento Gonçalves da Silva, guerrilheiro da Guarda Nacional e comandante dos gaúchos, e Bento Manuel, que não escolhia seu partido, visto com maus olhos por lutar junto aos farrapos e, depois, trocar de lado e defender o Império.

Diz a lenda que Bento Manoel Ribeiro fez um pacto com a Teiniaguá, por ter ciúmes do líder Bento Gonçalves. A minissérie “A Casa das Sete Mulheres”, produzida pela Rede Globo e exibida em 2003, mostra que Bento Manoel desejava Caetana, mulher de Bento Gonçalves. Não se sabe os verdadeiros motivos do pacto com a Teiniaguá, porém, Magalhães (2003) coloca:

Jamais se ouviu falar que Bento Manuel Ribeiro, na vida real, amasse ou desejasse Caetana, a mulher do presidente da República Rio-

Grandense, Bento Gonçalves da Silva, sempre seu tocaio, mas ora seu colega, ora seu adversário de armas. Sequer Letícia Wierzchowski, no seu romance que virou best seller, desenvolve essa fantasia. A invenção é mesmo dos autores da telenovela - ou minissérie, como queiram. E, cá para nós, parece-me que não traz qualquer prejuízo e só ajuda positivamente a emprestar mais um mistério à trama. [...] Ainda a propósito da personagem, estão repetindo com inteira veracidade, no decorrer da minissérie, que o povo atribuía a fortuna de Bento Manuel (um dos estancieiros mais ricos da sua época) a um pacto que fez com a teiniaguá, uma vez que era proprietário das terras onde está situado, no município de Quaraí, o cerro, a Salamanca onde vivia, conforme a lenda, a serpente encantada, que seduziu, mas não dobrou Blau Nunes. Essa sua estância - e isso poucos sabem - foi mais tarde adquirida por Joaquim José de Assumpção, Barão de Jarau, charqueador de Pelotas e, diz-se, dono da maior fortuna do Rio Grande do Sul, porém mais para o final daquele século.

Outra versão que também traz a história da Salamanca do Jarau foi produzida pela RBS TV, exibida em 30 de Julho de 2013. Nela, é passado ao interlocutor que uma princesa moura vinda da Espanha foi morar em uma caverna no Cerro do Jarau. A Fig. 1 mostra a imagem que retrata a princesa na lenda:



Na narração da lenda, não é colocado que a princesa é transformada em salamandra por Anhangá-Pitã, apenas é ilustrado nas imagens (Fig. 2). Depois, é mencionado que a princesa se transforma todas as noites em uma salamandra encantada com a “cabeça em chamas” e que um dia ela e um sacristão jesuíta se apaixonaram e viveram um intenso amor secreto.



No meio da narração, é esclarecido ao público o que é uma salamandra e de onde este animal provém. Vindo da Europa, muitas lendas sobre bruxaria envolviam tal anfíbio. No final da lenda, é colocado que há boatos de que a princesa moura se transformou em uma índia e, o sacristão jesuíta, num gaúcho. Sendo assim, desta união, teria surgido o povo gaúcho. É interessante notar que esta informação acrescentada nesta versão da lenda não foi mencionada em nenhuma das lendas exploradas anteriormente neste trabalho.

Ao longo deste estudo, foi possível perceber que a lenda da Salamanca do Jarau possui inúmeras versões, mas que, mesmo assim, todas elas apresentam alguns elementos em comum: há a presença de uma Salamanca encantada, de uma princesa moura, de um

sacristão visitante da Salamanca, e o relacionamento entre os dois. Por ser uma lenda muito antiga, foi sofrendo algumas adaptações conforme o tempo foi passando, mas permanecendo (n) o desejo impossível de Blau Nunes que abre mão de tudo pela “-Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és tudo... És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim... Eu te queria a ti, teiniaguá encantada!...” (LOPES NETO, 1913, p. 45)

Referências

BÉCQUER, Gustavo. La cuerva de la mora. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/obras-de-gustavo-a-becquer--0/html/ff0ed3e0-82b1-11df-acc7-002185ce6064.html>>. Acesso em 18 set 2015.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 2000.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem da ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CHIAPPINI, Lígia. In: LOPES NETO, João Simões. **Contos Gauchescos, Lendas do Sul e Casos do Romualdo**. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

FAGUNDES, Antonio Augusto. **História do Rio Grande do Sul**. 4 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1998.

GRANADA, Daniel. **Reseña histórico-descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del río de la Plata**. Montevideo: A. Barreiro y Ramos, 1896.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2002.

LOPES NETO, João Simões. **Lendas do Sul**. Pelotas: Echenique & C. Editores, 1913.

MACEDO, José Rivair. **Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo**. In: Francisco das Neves ALVES (org). Brasil 2000 - Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, 2000, pp. 9-28.

MAGALHÃES, Mário Osório. Sobre Bento Manoel. **Diário Popular**, Pelotas, 23 abr. 2003.

PINTO, Aureliano de Figueiredo. Simões Lopes Netto. In: _____. Romances de Estância e Querência II. Armorial de estância e outros poemas. Porto Alegre: Sulina, 1963. p. 72.

RBS TV RS INSTITUCIONAL. A lenda da Salamanca do Jarau faz parte de você. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rbs-rs/rbs-tv-rs-institucional/v/a-lenda-da-salamanca-do-jarau-faz-parte-de-voce/2724842/>>. Acesso em: 27 nov 2015.